

O SEMINÁRIO DA PRAINHA: Seu perfil, sua alma, seu espírito.

*Dom Manuel Edmilson da Cruz**



Seminário Episcopal do Ceará, Seminário Arquidiocesano de Fortaleza, Seminário Provincial de Fortaleza, Seminário Regional Nordeste 1, FAFIFOR (Faculdade de Filosofia de Fortaleza), FCF (Faculdade Católica de Fortaleza). Tantos e tão belos títulos! Tantas e tão expressivas designações numa só e mesma e admirável Instituição, numa só e gloriosa realidade! A começar pela grandeza arquitetônica do edifício, seu estilo inconfundível, sua localização na cidade, cuja construção e formação acompanhou e para a qual contribuiu e continua contribuindo ao longo de sua história. Basta lembrar o altaneiro e majestoso monumento da praça adjacente, - a coluna Cristo Redentor, - hoje um dos cartões postais da cidade de Fortaleza construída pelos padres do Seminário contra a opinião dos entendidos, à imitação da famosa Collone Vandôme, de Paris, erguida com o bronze dos canhões conquistados nas batalhas de Napoleão Bonaparte.

Na Universidade da Vida que tem por Faculdades principais a Faculdade do Lar, a Igreja e a Escola, a Faculdade Seminário (menor e maior) exerce uma função insubstituível na formação da pessoa e da personalidade. Inicialmente impercebida, ela vai acontecendo de variados modos, innotados tons e formas diversificadas numa sequência que em todos e em cada um ininterruptamente se processa, marcando permanentemente cada um e edificando-lhe a imagem e a figura para sempre. Processo muitas vezes inconsciente, mas nem por isso ineficaz. Pois "fica sempre um pouco de perfume nas mãos que espalharam rosas,

nas mãos que sabem ser generosas.” É o que também nos ensina o adágio popular: “Dize-me com quem andas e eu dirte-ei quem és” que em outras palavras pode-se traduzir por: “Dize-me o que falas e dirte-ei quem és”.

Acompanhando os betanistas (Associação dos ex-alunos do Seminário São José de Sobral) e os asselistas (do Seminário Santo Cura d’Ars de Limoeiro do Norte) nos seus programados encontros de todos os anos, observa-se que por unanimidade eles proclamam convictos que é ao Seminário que eles devem o que são e conseguiram ser na vida. E em todas as suas reuniões, em todas essas reuniões densas de conteúdo existencial e de testemunhos impressionantes, seja pela nobreza da gratidão – um reconhecimento que vai crescendo sempre, - seja pela repetição que não enfada, mas ao invés reciprocamente os revigora e anima a tal ponto que, atendendo ao apelo da consciência em decorrência da minha convicção do que acima classifiquei como Faculdade do Lar, sempre lhes chamei a atenção, por dever de justiça, para o papel anterior e igualmente verdadeiro que neles se processa sem exceção, isto é, a influência do lar cristão, o que equivale a dizer: do lar católico.

Si – sol – lá – ré

Ré – lá - si – sol

Si – sol – lá – ré

Ré – lá - si – sol

As torres da Prainha. Celestiais, altaneiras, majestosas. Um gosto, quiçá um momento de oração. No seu silêncio permanente toda uma eloquência. Como era bom pousar sobre elas um olhar atento e contemplativo. Outro lado importante que não dá para relegar-se aos desvãos do esquecimento, é este: ex-aluno do Seminário é gente de bem, pessoa ajustada à vida, alguém de atuação marcante na sociedade, alguns que dão nome a rua de cidade, figura de destaque na história de seu lugar de origem, do seu Estado natal, e às vezes, até do nosso país.

Recordando a vida no Seminário voltemos o olhar para o aspecto físico da casa.

A entrada. A grande escadaria de cedro que se bifurca a certa altura para os dois lados do vestíbulo e que conduz ao primeiro piso. Os longos corredores, os harmoniosos arcos das largas paredes, os espaçosos galpões dos recreios, os pátios, as árvores. No Seminário Maior as duas tamarineiras plantadas, dizem, pelo seminarista Antônio Tomás, futuro

Pe. Antônio Tomás. As duas vetustas e verdejantes árvores das quais uma foi cortada na reforma que prolongou a nave lateral direita da Prainha. E no Seminário menor a tamareira. As imagens estátuas. A do Santo Cura d'Arts no galpão de recreio do Seminário maior, a de São Vicente de Paulo já mencionada, no centro do átrio do Seminário Menor. O belo painel "Vem e Segue-me", óleo do seminarista Alberto Ramos, futuro Arcebispo de Belém, fixado a altura de uma tesoura no recreio. O retrato de um Padre professor holandês na sala de aula da Filosofia e um outro a óleo de Santo Tomás de Aquino na sala de aulas de Teologia.

Quando ainda não havia relógio de pulso, era um verdadeiro serviço, não só para o Seminário senão para todos os moradores do entorno, o grande relógio do torreão interno, com seus quadrantes visíveis à distância, marcando as horas e os quartos de hora de dia e de noite:

Os sinos da Prainha. Nas torres estão os sinos, um carrilhão. Numa, bem visível o maior, o Centenário (que ainda não tinha rachado): duzentos quilos; na outra, os menores. Acionados por meio de cabos muito fortes, o Centenário chegava a suspender quem o acionava. Eu fui sineiro. Sei o que estou dizendo. A esse respeito vale à pena, conforta e edifica aos do meu tempo recordar o inspirado cântico triunfal: Sonho Medieval. Escrito pelo inspirado poeta Osvaldo Chaves, recém entrado no Seminário, vindo de Sobral.

Acontecimento marcante na história do Seminário: o desabamento repentino de todo o dormitório dos teólogos no dia 7 de julho de 1894, pelas três e trinta da manhã debaixo de uma chuva torrencial. Até o recordar impressiona. Os 17 teólogos dormiam profundamente quando desabou todo o conjunto dessa parte do Seminário. Pode-se imaginar o susto e o pavor de todos numa Fortaleza que ainda não dispunha de luz elétrica. Resultado: um verdadeiro milagre! Dos 17 só um estava um pouco contundido, outro com um lábio levemente rachado e um terceiro, com alguns arranhões na perna. Em memória os Padres colocaram em um nicho ao fundo do longo corredor na altura da parede contígua à igreja da Prainha uma bela imagem da Virgem Virgo Potens (Virgem Poderosa) que hoje é venerada na correspondente nave lateral.

Em toda essa realidade há personagens que se destacam. O bispo diocesano é de todas a primeira. Vêm depois os formadores, os professores e professoras, os mestres, notadamente os padres. Às vezes também, algum colega de turma ou contemporâneo de seminário: os mais virtuosos, os mais inteligentes, os mais dedicados. Pessoas humanas

todos nós, importa anotar a influência negativa, atuando às vezes como mau exemplo, algum procedimento que não se deve adotar. Não se trata, contudo, de atitude marcante. São alguns casos de vocação duvidosa, inexistente, “vocação” mais de uma mãe piedosa, sim, mas não devidamente orientada. São os que terminam por não se ajustar à disciplina e à formação da casa, os raros que levam dela para a vida alguma mágoa, uma revolta e, graças a Deus, não demoram muito no Seminário. Mesmo assim, reconhecem a formação que ali se ministra. Pois a bem da verdade, isso se percebe em nossos encontros onde falam sempre bem do Seminário.

Falta imperdoável seria não recordar aqui a presença e atuação do médico ex-seminarista da Prainha, Dr. João Otávio Lobo e do dentista Dr. Plutarco Montenegro, pai da Ir. Maria Montenegro, Irmã de Caridade que muito tempo depois, como professora, terá grande importância na formação do nosso clero.

Quem é que não se lembra das santas ironias bem francesas do velho e venerável Pe. Pedro Zinguerlê? Vou recordar apenas duas. Após a primeira sessão do Concílio Vaticano II foi muito grande o desencanto, a decepção que atingiu muitos sacerdotes em toda parte. Tanto assim que a Diocese de Limoeiro, de clero bem formado, perdeu 27 de seus padres que renunciaram ao ministério sacerdotal e se casaram. Mas fato interessante: os padres até então usavam batina preta de casimira, às vezes faixa preta e chapéu. No centro da cabeça estava a tonsura. Como por encanto do dia para noite desapareceram a batina, a tonsura e o chapéu. Um piedoso sacerdote amigo do Pe. Pedro foi visitá-lo, preocupado porque os padres não andavam mais de chapéu e perguntou-lhe: Padre Mestre, que é que se faz com esses padres que não andam mais de chapéu? Resposta do Pe. Pedro: *miserave*, eles não tem mais cabeça! (*Miserave*, no sentido francês mais ou menos correspondente ao nosso afetoso *pobrezinho*, e *santo* era como o Pe. Pedro tratava a todos). Uma vez alguém lhe perguntou: Pe. Mestre, no mundo de agora, tão mudado como está, o que existe mais, os *santos* ou os *miseraves*? Respondeu: *Miserave*, agora tudo é *santo*. Bom lembrar também a presença do Pe. Pedro na enfermaria sempre cuidando com muita dedicação, com muito amor dos que estavam doentes. Toda madrugadinha podia se contar por certo, lá no coro da Prainha, estava o Pe. Pedro de joelhos, calvície entre as mãos, em oração.

Estaria eu esquecendo, ou pior, desvalorizando as pessoas do serviço da casa, os empregados, as empregadas? Mas, para recordar só

alguns haverá ex-aluno da Prainha que não se lembre com respeito e admiração do seu Antônio, o porteiro, tão atencioso? Do mestre Raimundo? Mestre Raimundo... o *fac-totum* que fazia dos consertos do piso às instalações hidráulicas ou elétricas, à fabricação da armadura de seus próprios óculos. Do sapateiro, o Toré? Sapatos consertados, novas meia-solas em mãos ou na sacola, entrando de Seminário a dentro na hora dos recreios, repetindo em alta voz: Seu menino! Seu menino! E o galego Elias com a sua grande bandeja, oferecendo um mundo de quinquilharias?

Repassemos agora a vida diária do Seminário Maior: despertar às cinco da manhã com uma breve oração iniciada ainda na cama. Em silêncio, o banho. Depois, ida para a capela interna, oração da manhã e meditação. Em seguida, para o refeitório sob a presidência de um padre: um grande salão, a imagem de Cristo crucificado, a tribuna para o leitor e ao fundo a roda semelhante a um tambor de madeira vazio através do qual vinha a comida. O café era servido pelos empregados. Tudo em silêncio. No púlpito um seminarista proclamava um texto da Bíblia e depois fazia a leitura de um bom livro, às vezes biografias. Destas, a que mais me impressionou foi o livro de Hugo Wast intitulado “Dom Bosco e o seu Tempo”. Como era bom quando em dias feriados ou pela presença de um Sr. Bispo o presidente proclamava o *Deo Gratias*. Era aquela alegria e começava a conversa animada que ia até o fim.

Agora o recreio. No recreio geralmente cada um fazia espontaneamente uma breve visita ao Santíssimo na Igreja da Prainha. Depois do recreio do café, todos no salão de estudo para a preparação da primeira aula. Duas aulas pela manhã, duas à tarde. Após o recreio da segunda aula da manhã iam todos à capela, para o exame de consciência, baseado na leitura do Crampon. O almoço nas condições já indicadas e em seguida o recreio. Enquanto alguns ficavam no recreio, outros, a maioria, ia para o dormitório onde em silêncio desfrutavam de uma boa sesta.

Após a sesta, ao toque da sineta, o estudo de preparação da primeira aula da tarde: reunidos no vasto salão, cada qual na sua escrivaninha estudava em silêncio. Por causa do calor este era um estudo em que o sono, às vezes, dominava um ou outro. Depois dessa terceira aula, o recreio com uma merenda particular de cada um que a recebia de sua família ou de alguma pessoa amiga e que era compartilhada, às vezes, entre amigos quando o outro não tinha. Toque da sineta, volta ao salão de estudos, preparação da última aula, depois da qual vinha um tempo de oração na

capela e então, o jantar, em silêncio com a leitura do Martyrológium, em latim, terminando sempre com estas palavras: *Et álibi aliorum plurimorum sanctorum martyrum et confessorum atque sanctarum virginum. Tu, autem, Domine, miserere nobis.* (E em outros lugares numerosos mártires, confessores, santos e virgens. E tu, Senhor, tem piedade de nós.) Depois um recreio mais longo a com a animação das conversas, os jogos de salão: sinuca, pingpong, firo, damas e voleibol para quem gostava. A propósito de esportes havia no tempo conveniente o futebol, o voleibol, às vezes o basquete jogado de batina arregaçada. A animação do brocoió e para alguns idas e voltas no pátio treinando conversar em uma língua estrangeira, geralmente Inglês. Depois, na capela menor, no primeiro piso, a leitura espiritual e, às segundas-feiras, a conferência do Pe. Reitor. Finalmente, em silêncio, às nove horas, no dormitório, para o sono da noite. Assim terminava o dia.

As férias de dezembro e janeiro e as de julho. O boletim de conduta dado pelo Pároco na volta do seminarista ao Seminário, ao retornar das férias. As visitas da família aos domingos. A tudo isso acresce alguma coisa excepcional: a visita de pessoas importantes: bispos, sacerdotes, leigos. E às vezes, coisas inimagináveis. Por exemplo, no meu tempo, uma dupla com um dos seus membros que engolia tudo, até giletos que ele mostrava pela chapa dos raios-X do seu estômago.

Um breve olhar agora para a liturgia. As grandes celebrações litúrgicas, as solenidades da Semana Santa, a figura do presidente, o senhor Arcebispo. As procissões, os Irmãos do Santíssimo de opas violácio-vermelhas, os cânticos em latim, às vezes também em português. O barulho da matraca. As mortificações, a penitência da quaresma e a alegria da Páscoa. Depois o passeio pascal sempre muito animado. As celebrações de encerramento anual da Campanha pelas Vocações Sacerdotais em outubro, no Teatro José de Alencar lotado de assistentes, a figura do Pe. Pedro Perdigão com a leitura do relatório anual e seus resultados, o cântico em francês bem ensaiado e bem executado da epopéia sacrorreligiosa *Les Martyrs* (Os Mártires). Ainda estou ouvindo, tal a minha impressão: *Cesar! Ceux qui vont mourir te saluent, Cesar!* (Cesar, os que vão morrer te saúdam!) Que emoção profunda se gravava em cada um de nós para toda a vida!

Voltando ao Seminário. As celebrações dominicais e dos dias de festa. A missa pela manhã às sete horas na Prainha. A Igreja bem lotada de fiéis. Os celebrantes. O padre, o diácono, o subdiácono no altar com

seus respectivos paramentos, os acólitos. A imagem de Jesus crucificado, a imagem da Imaculada Conceição do altar mor e nas laterais, as imagens de Jesus no Horto com o anjo confortando-o, a de Nossa Senhora da Piedade com Jesus morto ao colo em sua tranquila expressão de uma dor imensa, a de São Francisco de Assis, a de Santo Antônio, a do Sagrado Coração de Jesus, a de Nossa Senhora das Graças (da Medalha Milagrosa). A miraculosa conversão do judeu Afonso Ratisbona. A música e os cânticos sagrados. Pedro Alcântara ou Teófilo Rocha ou Ágil Moreira ao harmônio. À tarde, as vésperas. Padres e seminaristas com suas vestes litúrgicas em volta do altar e os seminaristas de batina e sobrepeliz nos seus lugares. O cântico do salmo 113:

“In éxitu, Israel de Aegypto,
Domus Jacob, de populo bár-ba-ro”
(Na saída de Israel do Egipto
A Casa de Jacó, de um povo bárbaro).

As ordenações precedidas pela tonsura clerical quando o seminarista recebia a tonsura na cabeça e era incorporado ao clero. Depois as ordens menores (Ostiariado, leitorado, acolitato e exorcitato) no seu devido tempo, às vezes impedidas ou adiadas por preterições geralmente provisórias, e as ordens maiores (subdiaconato, diaconato, presbiterato).

Os clubes. Clube mesmo que não tivessem propriamente esse nome eram duas entidades que se reuniam com seus membros todo dia no recreio da noite, especialmente. Não eram reuniões oficiais, mas encontros espontâneos, naturais, não necessários, mas de todos os dias. O mais concorrido era o Brocoió. Foi só aí que eu encontrei esta palavra. Palavra onomatopaica, cujos sons reproduzem a realidade por imitação, por semelhança. O brocoió era a animação, a anedota, a piada, a brincadeira, a crítica alegre, alguma pequena censura, algum fato do dia, alguma pessoa. Era coisa muito interessante. Era simplesmente um encontro animado e bem aceito. O outro, muito menor em número de participantes, chamava-se Chetife. A diferença entre os dois estava mais nos tipos de participantes: seminaristas mais circunspectos, menos brincalhões, mais reservados.

As sessões do Centro de Improviso São João Crisóstomo: toda quarta-feira, no recreio do almoço, sob a presidência do seminarista presidente. Era um treinamento não obrigatório dos seminaristas para o ministério da pregação. Muito importante!

As sessões do Centro de Estudos Santo Tomás de Aquino (CESTA), fundado pelo seminarista Hélder Câmara. Aqui eram estudos, geralmente escritos, expostos pelo autor no salão de Teologia. Para isso ele podia dispor dos livros da Biblioteca do Seminário. A Faculdade Católica de Fortaleza tem hoje a sua revista *Kairós*. O Seminário da Prainha também teve a sua: *A Voz do Seminário*. E eram os seminaristas do Seminário maior que escreviam os artigos.

Os passeios. Aconteciam algumas vezes durante o ano. Esperados com boa disposição, quase ansiedade, em casas ou propriedades fora da cidade. Ocupavam o dia. Padres e seminaristas participavam tanto os teólogos quanto os filósofos. Muita animação, cânticos e músicas, muita guloseima, uma beleza!

Dia de saída mensal. Numa quarta-feira. Uma alegria para todos e uma tristeza para um ou outro que não participasse; isto para a correção de algum mau comportamento.

A Catequese. Todos os alunos do Seminário Maior eram catequistas. Ministravam a catequese tradicional para meninos e adolescentes do sexo masculino todos os domingos no Teatro São José, do outro lado da praça. Os alunos recebiam um pequeno cartão no fim da aula, - um atestado de frequência que lhes assegurava prêmios no fim do ano. Bom observar que o Seminário da Prainha foi fundado e confiado aos Padres da Congregação da Missão com a intenção de formar novo tipo de sacerdote, o que ele realmente conseguiu, no Ceará, onde a imagem do Padre figurava como um homem de batina com um terço numa das mãos e um bacamarte na outra.

Tudo isto durante doze anos. Seis no Seminário Menor e seis no Seminário Maior, sendo nestes, dois para a Filosofia e quatro para a Teologia. Doze anos de formação seguida. Pode-se imaginar o tipo de sacerdote e de pessoa humana assim formada.

Os Vicentinos. Prolongamento da sacristia para o lado que dá para a praça da coluna Cristo Redentor em sala que lhes era reservada, reuniam-se todos os domingos os Vicentinos. Fundados na França por um leigo Frederico Ozanan ainda hoje presente e atuante em todo o Brasil e em muitos outros países são eles um testemunho permanente de caridade evangélica e vicentina. Só Deus lhes pode avaliar e recompensar devidamente os méritos!

Voltemos a falar sobre os senhores bispos. E vou destacar os dois primeiros porque os outros estão mais próximos de nós e os conhecemos melhor.

Dom Luís Antônio dos Santos, fluminense, o primeiro. Começou sua formação em Mariana, no Seminário do Caraça, Minas Gerais. Depois na França e em Roma. Com grande influência de seus formadores Lazaristas, Padres da Congregação da Missão de São Vicente de Paulo, chegou a pensar em ser lazarista, mas terminou por optar pelo sacerdócio diocesano. Em Fortaleza, no Ceará, foi o grande organizador da Diocese, o fundador do Seminário da Prainha e como extensão deste, do Seminário São José do Crato, para onde se dirigiu e onde passou seis meses até deixá-lo funcionando. Não alcançou em Sobral o mesmo resultado. Em Fortaleza fundou também o Colégio da Imaculada Conceição para a educação da juventude feminina confiada à direção das Irmãs de Caridade de São Vicente de Paulo vindas da França. Bispo culto, sábio, admirável, muito amado pelo clero e pelo povo. Por todos respeitado. De comportamento santo e heróico muitas vezes. De toda sua vida ressalto este fato: em tempo de seca e de peste que dizimou a população de Fortaleza e do Ceará, Dom Luís visitava, consolava, confortava os pestilentos, alojados em condições repugnantes e desumanas e notem bem: às vezes deitado ao lado do enfermo para atendê-lo em confissão.

Dom Joaquim. Estamos nos tempos do Padroado, herdado de Portugal dos reis fidelíssimos, dos reis católicos, apostólicos romanos e portugueses. O catolicismo religião oficial do Estado. Do Imperador depende a nomeação dos Bispos e dos Padres. Sem a sua indicação aceita por Roma não se cria nenhuma paróquia, nenhuma diocese, não se funda nenhum seminário. Dele também depende a vida da Igreja. Nesse contexto, o Pe. Vieirinha, de Itapetininga, São Paulo, é Vigário de Campinas. Estamos no ciclo do café. O imperador Dom Pedro II com seu séquito está em visita à cidade. Chega o Imperador, a cidade em festa e o Padre Vieirinha não comparece, o que é contra o protocolo. Algo inimaginável. O Pe. Vieirinha tinha fundado a Santa Casa de Misericórdia. O que lhe granjeava grande estima e gratidão do povo. Estranha o Imperador o seu procedimento inexplicável, inadmissível e manda chamá-lo. Resposta do Pe. Vieirinha: "Recuso-me a comparecer e beijar a mão de sua Majestade, a mesma mão que assinou o Decreto de condenação a trabalhos forçados dos senhores Bispos Dom Vital da Penha, de Olinda e Recife e de Dom Antônio Macedo Costa, de Belém, pela condenação dos grãos-mestres maçons na questão das Irmandades". Reação do imperador: de volta ao Rio, nomeou o Pe.

Vieirinha Conselheiro de Estado de sua Majestade e logo depois o indicou para segundo Bispo do Ceará. O caso também recorda outro gesto, o do Marechal Luis Alves de Lima e Silva, Duque de Caxias, que só aceitou o convite de Dom Pedro II para Primeiro Ministro do Império depois que ele retirou a condenação dos dois prelados.

Está no momento do ponto final. Minha intenção não foi resumir a história do Seminário da Prainha. Foi muito mais a de recolher e esboçar o seu perfil, a sua alma, o seu espírito, aquele mundo de realidades, atitudes, comportamentos e gestos que vão acontecendo ao longo do decorrer dos tempos, um tesouro de belezas, de alegrias, de vitórias, de alguma derrota que a gente vê não vendo, ou melhor, não vê vendo e que se imprime em nós que os presenciamos e ficam em nós para sempre. Um tesouro que se vive sem notar e se comunica e se transmite espontaneamente. Muitos deles não ficam na história. Aqui não há um ponto final, há dois pontos: “Amém. Vem, Senhor Jesus. A graça do Senhor Jesus esteja com todos” (Ap. 22,20-21).

Pare, ore, sinta, pense, entenda, ame e viva.

**Dom Manuel Edmilson da Cruz*
Bispo Emérito de Limoeiro do Norte-CE